

## **IMAGEM, IMAGIOLOGIA, IMAGINAÇÃO: O IMPACTE DAS NOVAS PERCEÇÕES DO CORPO E DA CONSCIÊNCIA NA CULTURA VISUAL DO SÉCULO XXI**

**António Manuel Bernardo Lopes**

Universidade do Algarve e CETAPS  
alopes@ualg.pt

### **Resumo**

A investigação mais recente no campo da neurofisiologia recorrendo à ressonância magnética pôs em causa as nossas concepções do visual. A pesquisa foi levada a cabo por Shinji Nishimoto e Jack Gallant, da Universidade da Califórnia em Berkeley, que recorreram à imagiologia por ressonância magnética funcional (fMRI) e a modelos computacionais não só para mapear as áreas específicas do cérebro que respondem aos estímulos visuais, mas também, ao inverterem o processo, para reconstruir as imagens geradas no cérebro. Este avanço científico e tecnológico levanta importantes questões acerca do modo como nos relacionamos com a imagem (por exemplo, numa perspetiva fenomenológica), assim como acerca do papel da imaginação nas sociedades contemporâneas (do ângulo dos estudos culturais). Este artigo visa discutir o impacte que estas formas de interface entre a tecnologia e o corpo humano podem ter no contexto da cultura visual do século XXI. Será que esta objetivação da nossa capacidade de gerar imagens destruirá as nossas crenças na inefabilidade do processo criativo? Será que oferece a oportunidade de explorar outros domínios de expressão artística e de desenvolvimento cultural nas sociedades contemporâneas, onde as gerações mais novas estão tão marcadas pela hiper-realidade e pelo digital?

**Palavras-chave:** Cultura visual; Imagiologia de ressonância magnética funcional; Reconstrução de visão; Digitalidade; Fenomenologia.



## Uma Experiência sobre uma Experiência/um Olhar sobre um Olhar

Antes de entrar no assunto principal deste artigo irei proceder ao relato de uma experiência que levei a cabo junto de alunos de um seminário em cultura visual e sociedade contemporânea realizado no âmbito do mestrado em educação visual e tecnológica na Universidade do Algarve. Comecei por pô-los perante duas imagens dispostas paralelamente e pedi-lhe que as examinassem e as comparassem. Constataram que existia uma certa semelhança nas formas e nas cores entre as imagens da direita e da esquerda. Também observaram que todas as imagens da esquerda apresentavam alguma semelhança estilística entre si. Pouco tempo depois, os alunos foram capazes de identificar algumas das imagens da direita como sendo pormenores de pinturas de artistas britânicos: William Turner, John Constable e Francis Bacon. Todavia, as imagens da esquerda continuavam a resistir a qualquer interpretação.

Posteriormente acrescentei uma terceira imagem para cada conjunto: um fotograma de filme ou documentário de televisão. Uma das personagens que os alunos reconheceram de imediato foi o icónico Inspector Clouseau, interpretado por Steve Martin na produção de 2006 da *Pantera Cor-de-rosa*. Mais uma vez, os alunos constataram que parecia haver uma vaga semelhança entre os fotogramas e as outras duas imagens, uma semelhança a nível de algumas qualidades formais, nomeadamente em termos de cor, forma, volume, proporção ou composição. As imagens no meio pareciam estar formalmente mais perto para os quadros da direita, mas isso era intencionalmente enganador.

A verdade é que elas tiveram origem nos fotogramas do lado esquerdo. De facto, tratava-se de reconstituições de experiências visuais dinâmicas de pessoas que assistiam a um conjunto de trailers de filmes, enquanto sua atividade cerebral ia sendo digitalizada através de um aparelho de imagiologia por ressonância magnética funcional (fMRI). As imagens que foram acrescentadas em último lugar eram o resultado de uma pesquisa levada a cabo por Shinji Nishimoto e Jack Gallant, ambos da UC Berkeley, que têm recorrido à fMRI e a modelos computacionais não só para mapear as áreas específicas do cérebro—em particular o córtex visual primário—que respondem a estímulos visuais, mas também—ao inverterem o processo—para reconstruir imagens geradas no cérebro.

Os dois investigadores usaram um programa de computador para associar os padrões visuais de peças audiovisuais à atividade cerebral dos sujeitos. Com o auxílio

de um algoritmo de reconstrução de filme, os investigadores conseguiram decodificar os padrões de atividade neuronal do cérebro originados pela visualização dos trailers e depois trataram de os traduzir de volta em imagens. Os resultados foram tornados públicos em *Current Biology* em 22 de setembro de 2011. Os autores do estudo sugeriram algumas futuras aplicações clínicas destas experiências. Afirmam que este tipo de investigação poderá conduzir a melhorias no diagnóstico de doenças e na avaliação de intervenções terapêuticas. Também acreditam que pode fornecer meios para se analisar as mentes dos pacientes em estado de coma ou que sofram de doenças neurodegenerativas. Eventualmente, pode constituir a base para um futuro interface cérebro-máquina (BMI) para ajudar pessoas com paralisia cerebral ou tetraplegia para interagir com o mundo à sua volta, especialmente no controle de membros protéticos.

Tem entretanto havido mais desenvolvimentos nesta área. Usando a mesma tecnologia de digitalização em conjunção com a electroencefalografia, uma equipa de neurocientistas japoneses nos Laboratórios de Neurociência Computacional da ATR em Kyoto, liderada por Yukiasu Kamitani, analisou a atividade cerebral de sujeitos durante o sono. Centraram-se naquelas áreas do cérebro envolvidas nas funções visuais superiores (as áreas corticais visuais) e construíram um modelo que, através de medição neural objectiva, acreditam ter descoberto o conteúdo subjetivo dos sonhos. Este estudo, publicado na revista *Science* de 5 de março de 2013, lança-nos numa escalada científica ao introduzir-nos, embora timidamente, no etéreo e incorpóreo mundo dos sonhos, um espaço que Havelock Ellis, inspirado por por *A interpretação dos Sonhos* de Freud, outrora descrevera como aquela "antiga e obscura casa de sombras, desprovida de qualquer raio direto do mundo exterior da vida real" (Ellis1922: 1). Em certo sentido, pode-se dizer que o que Kamitani e seus colaboradores tentaram fazer foi precisamente "iluminar" essa "casa antiga" com os campos magnéticos de um aparelho de ressonância magnética.

Não menos impressionante é um estudo realizado por Alexander Huth, Shinji Nishimoto, An T. Vu e Jack Gallant (2012), no qual a fMRI também foi usada para mapear um espaço semântico contínuo através da superfície cortical, um espaço onde as categorias de objeto e de ação são organizadas de acordo com a semelhança semântica existente entre si. [Slide 14: diagrama esquemático do experimento e do modelo; slide 15: espaço semântico, representado através da superfície cortical; slide 16: visualização gráfica do espaço grupo semântico; slide 17: Visualizador de cérebro.] Recorrendo a modelos de pixéis volumétricos que lêem as respostas da dependente



de nível do oxigénio no sangue (BOLD) por todo o cérebro, analisaram as representações corticais de 1705 categorias de objeto e ação e concluíram que a selectividade semântica se distribui em gradientes suaves cobrindo uma parte significativa do córtex visual e não-visual, uma conclusão que desmentiu a crença de que cada categoria estaria localizada em áreas específicas do cérebro. Por outro lado, também foi descoberto que sujeitos diferentes partilham um espaço semântico comum, bem como uma organização cortical comum do espaço.

### **O Olhar das Humanidades sobre o Olhar Tecnológico**

Embora de forma bastante sucinta, esta comunicação destina-se a responder a uma pergunta inevitável: onde é que os estudiosos das humanidades se situam em relação a estes últimos desenvolvimentos no campo da neurobiologia, os quais têm claras implicações na compreensão de fenómenos que lhes são caros, como sejam os que envolvem a cognição, a consciência, a imaginação, o inconsciente e a linguagem? Devem os homens e mulheres das humanidades simplesmente ignorá-los ou tentar chegar a um qualquer compromisso? Devem guardar uma distância cautelosa ou permanecer optimistas sobre o potencial oferecido por estas revelações?

É verdade que estes avanços científicos já cruzaram o limiar da natureza privada da imagética visual que ocorre no cérebro, mas isso não significa que se devam fazer soar os alarmes da ética. Este tipo de tecnologia ainda está numa fase bastante embrionária do seu desenvolvimento, e muitas das questões éticas que ele pode levantar sobre a privacidade, a liberdade individual, o livre-arbítrio ou os direitos humanos parecem ser uma reacção excessiva face às suas limitações e ao carácter um tanto ou quanto incompleto ou impreciso dos seus resultados. Algumas gentes de letras ainda poderão considerar "ciência" como aquela outra cultura que as humanidades, absorta no seu próprio sentido de superioridade, devem continuar a olhar com sobrançeria e desconfiança, rejeitando-a como um modo grosseiramente mecânico, mensurável e quantificável de encarar a vida, totalmente desprovido de preocupações filosóficas, imaginação criativa ou refinamento intelectual — uma atitude C P Snow já tinha denunciado em *Duas culturas*.

Sem dúvida os intelectuais que mantêm uma visão pessimista ou desdenhosa da ciência podem sentir-se tentados a censurar essas explorações como a materialização dos cenários de pesadelo que a ficção distópica tem procurado desde sempre denunciar. Na verdade, tem havido ultimamente uma profusão de filmes de

ficção científica que giram em torno de aparelhos de leitura da mente de apagamento da memória, ou ainda de criação do sonho. Pensemos em *Brainstorm* (1983), *Total Recall* (1990), *Strange Days* (1995), *The Matrix* Trilogy (1999 e 2003) *Minority Report* (2002), *Inception* (2010) ou, mais recentemente, *Oblivion* (2013). E mesmo as boas intenções dos cientistas que nos falam dos benefícios clínicos das futuras aplicações práticas das suas descobertas não nos conseguem poupar ao desconforto de sabermos que se houvesse meios tecnológicos eficazes de controlo da mente poderíamos correr o risco de ficar inteiramente à mercê dos totalitarismos.

No entanto, não é preciso irmos tão longe nesta especulação para percebermos algumas das implicações que este tipo de pesquisa tem em nossa compreensão do poder. Teria certamente agradado a Foucault a oportunidade de jogar com a perspectiva desta nova forma de poder pairando sobre a humanidade. Afinal de contas, não é isto a tal *vigilância* de que nos falava o filósofo francês levada ao seu extremo? O princípio do não-velamento ou não-encobrimento (a “verdade” a que Heidegger dá o nome de *Unverborgenheit*) que rege o conhecimento científico fez assim sua entrada forçada no reino do privado e do mais íntimo. Mas será que isso significa necessariamente que estamos perante de uma nova forma de poder exercido sobre nossos corpos em nome da verdade científica? São estes instrumentos tecnológicos contemporânea materialização da ideia de Jeremy Bentham de criar um espaço que servisse fins tão variados como "*punir o incorrigível, guardar o louco, reformar o criminoso, isolar o suspeito*" e ainda "*curar os doentes*" (Bentham, 1838:40)? Por outras palavras, será que a ressonância magnética deve ser considerada como o novo Panopticon do século XXI?

### **Olhar para Além das Questões Éticas: Os Desafios Fenomenológicos, Ontológicos e Estéticos do Olhar Tecnológico**

Não obstante tais receios, acredito ser mais desafiante envolvermo-nos numa reflexão sobre a maneira como estas descobertas científicas nos obrigam a

(1) reconsiderar a relação *fenomenológica* que existe entre o visual, o corpo e a percepção de si mesmo,

(2) avaliar as consequências *ontológicas* daquilo que provisoriamente se poderia chamar a *digitalização do self*, e



(3) explorar a dimensão *estética* da experiência, tanto em termos de experiência dos sujeitos como algo localizado dentro dos limites da nossa cultura visual contemporânea, como em termos da plasticidade das formas visuais gerada pelo algoritmo.

Discutirei brevemente cada um destes pontos.

(1) A fim de conhecer o primeiro desafio, gostaria de fazer referência a António Damásio através de Merleau-Ponty. Em *Fenomenologia da percepção*, Merleau-Ponty defendeu um conceito dialético de consciência. Como afirmou, "a consciência não é um sujeito eterno, que se percebe a si próprio em absoluta transparência" (493), mas sim algo que emerge da nossa experiência perceptual do mundo. Por outras palavras, depende da maneira como o nosso corpo—estando imerso no mundo—pensa e age nele. A capacidade da nossa consciência para refletir sobre o mundo e sobre nós mesmos está organicamente ligada às nossas experiências corporais. "Toda a consciência", como dirá a certa altura, "é, em certa medida, consciência perceptual" (459) — uma posição que claramente desafia a tese que Sartre avança em *O Ser e o Nada* a respeito da divisão do ser em três modos distintos, a saber, o ser-para-si, o ser-em-si e o ser-para-outros. António Damásio também subscreve o princípio defendido por Merleau-Ponty: não há nenhuma consciência individual separada do corpo em que emerge. No seu ensaio intitulado *o sentimento de si: o corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência* (1999), ele defende que a consciência está visceralmente ligada aos princípios normativos da vida que regem nosso corpo, desde algo tão básico como a célula eucariótica até a complexidade dos circuitos neurais do córtex cerebral. Destaca ainda a nossa capacidade quer para mapear o corpo, ou seja, para construir um sentido de si através de uma série de imagens ou representações do corpo, e quer para interagir com o mundo exterior por meio de padrões mentais que construímos dos objetos—"as imagens mentais temporal e espacialmente integradas de algo-para-ser-conhecido" (11). Segundo Damásio, será o padrão unificado desses padrões mentais aquilo que constitui a consciência. Também propõe a ideia de que nossa existência social e cultural é marcada pela nossa permanente tentativa de estender esses princípios regulamentares à nossa relação com outros seres humanos.

Assim, a pesquisa levada a cabo por Nishimoto e Gallant pode ser considerada, em termos fenomenológicos, como *uma extensão desse processo típico da consciência humana, que consiste na criação de imagens de automonitorização, desta*

*feita por meio de uma ferramenta tecnológica que ajuda a consciência a observar o cérebro decifrar seu próprio funcionamento, revelando, assim, parte dos mecanismos que dão origem à consciência.* Esta investigação não é apenas uma tentativa de fornecer uma explicação científica para o modo pelo qual podemos processar o *input* visual ou como esse fenómeno pode na verdade ser decodificado a fim chegar àqueles que vivem encarcerados dentro de si próprio. Do ponto de vista fenomenológico, esta pesquisa proporcionou-nos uma forma de olharmos introspectivamente para como olhamos as coisas e, por meio do mapeamento dos padrões mentais que constituem a nossa experiência visual, conseguiu desvendar a dimensão corporal da consciência. Dito de outra forma, a pesquisa revela a *corporalização* da imagem: localiza o ponto exacto onde a imagem se torna *incorporada* no nosso corpo, ou seja, onde a imagem se torna *corpo*. E esta capacidade de perceber conscientemente, como perante de um espelho, de que forma a consciência opera em modos tão intrincados e subtis só contribui para o nosso deslumbramento da existência humana. Clarice Lispector escreveu certa vez:

*Não há homem ou mulher que por acaso não se tenha olhado ao espelho e se surpreendido consigo próprio. Por uma fração de segundo a gente se vê como a um objeto a ser olhado. A isto se chamaria talvez de narcisismo, mas eu chamaria de: alegria de ser. Alegria de encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: ah, então é verdade que eu não me imaginei, eu existo. (2013: 226)*

Num certo sentido, o que Nishimoto e Gallant fazem é oferecer-nos a oportunidade de vermos a nossa consciência como “um objeto a ser olhado,” para tomar de empréstimo as palavras de Lispector. As imagens que resultam do seu estudo de 2011 produzem um efeito de *mise-en-abîme*: dão-nos a experiência sensorial de uma experiência sensorial. É nesta circularidade perpétua que reside a dialética da relação entre sujeito e objeto, um anulando o outro enquanto simultaneamente ratifica a existência do outro. Sou o sujeito que *reconhece* a presença do objeto (ou seja, eu *sabia* de sua existência) e ao mesmo tempo *reconheço-me* sozinho nele (ou seja, aceito o *eu* ser o *outro*). O que eu vejo é o objeto a olhar de volta para o sujeito—que equivale a dizer, que é transformar o sujeito noutro objeto. Por outras palavras, esta experiência levada a cabo em condições reais (imaginemos a ser mostrada uma imagem em tempo real daquilo que seu cérebro está a processar) revelaria a essência circular e reflexiva do sujeito—como o *objeto do objeto*—uma *metapercepção* que provavelmente ocorre ao nível dos “neurônios



espelho", encontrados no córtex ventral, que, segundo Oberman e Ramachandran (2009) , são responsáveis para a construção de um modelo do *Self* (ver também Hanlon, 2007:139).

(2) Estas últimas considerações já se fundem com a questão *ontológica*, que é basicamente sobre o indivíduo humano como *sendo* e como ciência e tecnologia nos trouxeram até o ponto onde a materialidade da nossa existência adquiriu uma nova dimensão: o ser digital. Dito de outro modo, esta tecnologia ampliou as possibilidades de digitalização, não apenas do *corpo*, mas do *Self*. A ciência teve sempre a necessidade de ir para além da superfície dos corpos, assumindo que sua aparência externa e opacidade constituem, até certo ponto, uma barreira para a compreensão do funcionamento interno da natureza, os mecanismos ocultos da vida e as causas da degeneração e morte. Em *O nascimento da clínica: uma arqueologia do saber médico* (1963) Michel Foucault examinou esta propensão da ciência de meados do século XVIII para pôr a nu as estruturas ocultas do corpo em busca de evidências empíricas. A dissecação anatômica não é apenas uma busca pela verdade, mas uma prática enraizada na crença de que a verdade — que invariavelmente permanece escondida — só pode ser apreendida através dos olhos. O *Visible Human Project* (VHP) da Universidade de Michigan, que literalmente nos oferece fatias do corpo humano em diferentes orientações (transversais, sagitais e coronais) e métodos imagiológicos (criosecção a cores, TAC, RM e Tri-Panel), é um exemplo eloquente do ponto a que se chegou nesta necessidade para a apropriação visual do corpo. Apesar de toda a alta tecnologia envolvida, trata-se ainda de um eco de um período em que, para citar Foucault, "a doença, a contranaturalidade, a morte, em suma, todo o fundo negro da doença veio à luz, ao mesmo tempo iluminando e eliminando-se como se fosse a noite, no espaço profundo, visível, sólido, encarcerado, mas acessível do corpo humano" (Foucault, 2003:241).

Desde que Wilhelm C. Röntgen descobriu o Raio X em 1895, um grande número de outros métodos de imagem foram desenvolvidos para aprofundar os nossos conhecimentos científicos e médicos do corpo. Seja ultra-som, tomografia computadorizada ou tomografia axial computadorizada, tomografia por emissão de positrões ou ressonância magnética, todas essas designações e respectivas siglas têm-se gradualmente instalado na nossa linguagem cotidiana. Isto também corresponde a uma evolução na nossa conceptualização do corpo humano, já não apenas visto como um complexo sistema de células e órgãos, mas também como um conjunto de estruturas moleculares e componentes biomoleculares, cuja organização



em escala nanométrica se crê capaz de fornecer a explicação para os mais diversos aspectos da vida humana, que vão desde o envelhecimento à regeneração de tecidos, dos transtornos mentais ao comportamento anti-social.

É à escala nanométrica que opera a ressonância magnética funcional: o que vemos na verdade é uma versão digitalizada de processos que ocorrem ao nível dos núcleos atômicos, polarizados por campos magnéticos fortes. No presente caso, no entanto, não se trata somente de um corpo inerte que está sendo examinado, como acontece no caso do VHP, mas sim dos processos em tempo real da atividade neural em redes complexas que estão na base da consciência humana, que o mesmo é dizer do nosso sentido do *Self*. A esse respeito, apesar de o facto da experiência Nishimoto-Gallant se centrar apenas num determinado aspecto da nossa consciência—o domínio do visual—apresenta-se, no entanto, como uma *tradução digital* (embora apenas parcial) do *Self*. O filósofo britânico Derek Parfit uma vez colocou a questão da permanência do *Self* na eventualidade de o corpo ser submetido a um hipotético aparelho de digitalização a que deu o nome de Replicador. Este dispositivo começaria por transformar o corpo em informação digital ao nível atômico e subatômico e de seguida criaria uma réplica exata, incluindo todos os pensamentos e lembranças, assim que eliminasse o original (1986:289 ff). Ainda estaríamos perante a mesma pessoa ou um seu simulacro? No presente caso, estaremos mais próximos da possibilidade de reproduzir digitalmente o *Self*? Isto daria razão a Baudrillard quando este denuncia uma sociedade que dá mais valor à simulação do que à própria realidade? Estamos a um passo de transformar o *Self* em bytes? Em *On Photography* (1977), Susan Sontag mencionou que "os povos primitivos receiam que a câmara lhes roube alguma parte do seu ser" (2005: 123). Não serão as perguntas que aqui formulo a versão contemporânea desses medos atávicos que fez com que os povos primitivos temessem a câmara?

Mas a digitalização do *Self* ultrapassa a questão puramente ontológica. Dada a capacidade das TIC rapidamente disseminarem tais descobertas, estas têm também de ser examinadas em termos do seu impacte potencial sobre a cultura popular. Tal como Sturken e Cartwright nos recordam, as imagens científicas já integram "a produção e os significados das imagens que fazem parte da cultura popular, das artes, da publicidade e da lei" (2001:348). Isto conduz-nos directamente à terceira abordagem.



(3) Quer nós as apreciemos em termos estéticos ou não, essas imagens são agora parte do vocabulário visual da ciência e podem facilmente ser apropriadas pela cultura visual actual, seja ela popular ou erudita. Os rostos não identificáveis e desfocados, as cores inquietas, as estranhas sombras em movimento, as formas difusas que se recusam a ser domada pela nossa imaginação, as manchas que se espalham como derrames de petróleo, poderiam muito bem ser colocadas em exposição, como instalação de vídeo num museu de arte contemporânea, como o MoMA ou o Tate Modern, desafiando o visitante a responder nos mesmos termos em responderia perante o trabalho de um Damien Hirst ou um Bruce Nauman, já que são imagens igualmente provocantes e inquietantes como as obras destes artistas. São ao mesmo tempo plenas de significado e de mistério. Apela a uma certa transcendência, mas estão em simultâneo profundamente enraizadas na materialidade da tecnologia e do corpo.

Há, no entanto, outro aspecto importante sobre estas imagens que os liga à cultura visual popular da sociedade contemporânea. O facto de que a experiência de Nishimoto-Gallant se basear principalmente em filmes de Hollywood e clips de vídeo YouTube, ou seja, em artefactos que são representativos da nossa cultura visual contemporânea—em especial o "visual" fornecido pelos media—significa que as percepções que estão sendo medidas são de natureza artificial. O que está sendo medido não é uma percepção visual direta, imediata do mundo real, mas uma experiência visual mediada. Este é o princípio Baudrillardiano em funcionamento em toda a sua extensão: os investigadores assumem que o córtex lida com imagens de uma realidade simulada da mesma forma como lida com as imagens do mundo real em que os indivíduos fisicamente estão imersos. Há importantes características visuais que não poderiam ter sido tomadas em linha de conta no estudo de Nishimoto-Gallant, tais como a profundidade tridimensional, a luz natural, a paralaxe total, a paralaxe de movimento, etc. Os filmes a que os sujeitos assistiam enquanto seus cérebros estavam sendo sondados tinham sido reduzidos a uma amostra de 512 x 512 pixels, antes de serem exibidos num sistema de óculos de LCD (20° x 20° a 15 Hz). Como não há nenhuma máquina portátil de RMf para testar os sujeitos sob condições mais reais, os resultados da experiência já estão marcadas pela artificialidade de um mundo que é, por definição, regido pelo princípio da simulação. E, à luz deste princípio, as imagens resultantes do processo de *scanning* do cérebro deverão ser encaradas não como uma fiel *re-apresentação* de objectos reais, concretos e palpáveis no espaço físico à volta do sujeito, mas como simulações de simulações.

Esta ideia já tinha sido explorada por Nick Bostrom num artigo controverso no *Philosophical Quarterly* (2003) e foi recentemente explorada por uma equipa de físicos da Universidade de Bona, que testaram a hipótese de o universo observado ser uma simulação numérica (Beane, Davoudi & Savage, 2012). Como se torna evidente, alguns dos filmes que mencionei anteriormente, como seja a trilogia *The Matrix* e *Inception*, exploram precisamente essa noção da realidade como uma estrutura de várias camadas de narrativas de mundos simulados dentro de outros mundos simulados. Isto é levado a um grau tal que, em *Inception*, por exemplo, até mesmo a morte, a própria negação da existência humana, parece ser um mero momento de transição entre os mundos, a chegada ao fim de um simulacro, que é imediatamente seguido pelo despertar noutro simulacro, levando-nos ao longo de uma cadeia de mundos de sonhos o que, ao invés de induzir uma suspensão da descrença, só aumenta a nossa suspeita sobre a verdade que está por trás do nosso ser-no-mundo. Isto não é só uma questão fenomenológica: é também uma questão de estética, pois muitos dos artefactos que agora compõem nossa cultura visual contemporânea se estão gradualmente inclinando, graças aos mais recentes desenvolvimentos tecnológicos (holografia, autostereoscopia, filmes S3D e 3DTV), para uma eliminação dos limites entre o que é visualmente artificial e natural, entre uma realidade simulada e o mundo real. O que em parte orienta minha sensibilidade estética hoje não é a busca pela beleza, mas esta vertigem causada por tal uma eliminação da fronteira que separa a simulação do real, esta experiência sensorial excessiva que nos absorve pelo seu imediatismo, exigindo toda a nossa atenção e deixando pouco espaço para a reflexão. Talvez este seja o próximo horizonte de nossa experiência estética: não um horizonte onde a beleza está enraizada na verdade, mas onde se espera que o simulacro se funda com a realidade.

### Referências Bibliográficas

- Beane, S., Davoudi, Z. & Savage, M. J. (2012). *Constraints on the Universe as a Numerical Simulation*. Last accessed on May 5, 2013 at <http://arxiv.org/pdf/1210.1847.pdf>.
- Bostrom, N. (2003). Are You Living in a Computer Simulation?. *Philosophical Quarterly*, 211, 243-255. Last accessed on May 5, 2013 at <http://people.uncw.edu/guinnc/courses/Spring11/517/Simulation.pdf>



- Bentham, Jeremy (1838). *The Works of Jeremy Bentham, Now First Collected: Under the Superintendence of His Executor, John Bowring*. Part III. Edinburgh: William Tait.
- Damásio, A. (1999). *The Feeling Of What Happens: Body, Emotion and the Making of Consciousness*. Orlando: Harvest.
- Ellis, Havelock (1922). *The World of Dreams*. Boston and New York: Houghton Mifflin Company.
- Foucault, M. (2003). *The Birth of the Clinic*. Oxon: Routledge.
- Hanlon, M. (2007). *10 Questions Science Can't Answer (Yet): A Guide to the Scientific Wilderness*. New York: Macmillan.
- Horikawa, T., et al. (2013). Neural Decoding of Visual Imagery During Sleep. *Science*, doi: 10.1126/science.1234330
- Alexander H. Huth, Shinji Nishimoto, An T. Vu & Jack L. Gallant (2012). A Continuous Semantic Space Describes the Representation of Thousands of Object and Action Categories across the Human Brain. *Neuron*, 76 (December): 1210-1224.
- Lispector, Clarice (2013). *A Descoberta do Mundo: Crónicas*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Merleau-Ponty, Maurice (2002). *Phenomenology of Perception*. Translated by Colin Smith. London and New York: Routledge.
- Oberman, L.; Ramachandran, V.S. (2009). Reflections on the Mirror Neuron System: Their Evolutionary Functions Beyond Motor Representation. In J. A. Pineda (Ed.), *Mirror Neuron Systems: The Role of Mirroring Processes in Social Cognition*. Humana Press. 39–62.
- Parfit, Derek (1986). *Reasons and Persons*. Oxford: Oxford University Press.
- Sontag, S. (2005) *On Photography*. New York: Rosetta Books.
- Snow, C.P. (2001 [1959]). *The Two Cultures*. London: Cambridge University Press.
- Sturken, M. and Cartwright, L. (2001). *Practices of Looking: An Introduction to Visual Culture*. New York: Oxford University Press.